

## **O corpo, elocução de princípios estéticos ancestrais na pesquisa artísticas da comunidade quilombola**

Sara Passabon Amorim  
Professor(a) Universitário, Diretor(a) de teatro  
Centro Universitário São Camilo-ES

**Palavras-chaves:** corpo, elocução de princípios estéticos, comunidade quilombola.

O corpo é elemento fundamental para representatividade e organização dos afro-descendentes na comunidade quilombola de Monte Alegre<sup>1</sup>, em Cachoeiro de Itapemirim - Espírito Santo. O grande interesse da comunidade é definir o corpo como sujeito principal de suas experiências/ações e criações artísticas. “O corpo retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido” (MERLEAU-PONTY, 2006: 110). Diante da ideia do fenômeno da percepção e experiência integral do sujeito, o corpo é indispensável para o desenvolvimento das “motrizes culturais”<sup>2</sup>. Através da espetacularidade<sup>3</sup> na comunidade, o corpo é elocução de princípios estéticos ancestrais, que além de ser restaurado<sup>4</sup> a cada apresentação também está disposto a um treinamento de fundamento teórico.

Para refletir na elaboração e interferência dos atos artísticos e culturais na comunidade em questão, busca-se, por meio da Etnocenologia de Jean-Marie Pradier (1996) e do conceito do ato performativo, estabelecido entre Victor Turner (1988) e Richard Schechner (2000), ampliar o olhar de análise nas manifestações humanas espetacularmente organizadas.

A comunidade de Monte Alegre mantém um movimento performático de puro vigor que propõem o envolvimento de toda comunidade – a criança, o jovem, o adulto, o idoso – a seguirem os princípios da experiência e memórias. Além disso, ela, também, define as oficinas comunitárias, de teatro, de dança, de práticas culturais – como caxambu e capoeira – que se desenvolvem no formato dos seguintes pilares: poetizar, fruir e conhecer arte, sob o ponto de vista antropológico proposto por Barba (1995) e Grotowski (1971). O corpo é visto como o foco de criação e expressão artística. Dessa forma, estabelece-se o estudo das chamadas artes performativas no corpo negro, o qual centraliza a expressão produção e contribuição contemporânea na coletividade numa possibilidade de ligar a expressão natural, espontânea e o patrimônio cultural herdado á experiência viva do presente. O conhecimento que o performer tem da tradição é refletido e conseqüentemente é transpassado, através do inseparável trio –“dançar-cantar-batucar”–. Neste

sentido, o corpo negro significa seus atos, corporificados em todas as performances, artísticas e culturais que (re)propõem o conjunto de valores e hábitos, tanto sociais e comportamentais como estéticos e culturais num espaço comum de organização e expressão, contextualizado nos gestos e movimentos que caracterizam os afro-descendentes de princípios ancestrais. Segundo Ligiero “podemos observar nas performances de origem africana na atualidade, que o corpo é o foco de tudo. Ele se move em direções múltiplas, ondula o torso e se deixa impregnar pelo ritmo percussivo” (LIGIERO apud SANTOS, 2007: 84).

Os grupos da comunidade encantam o público com práticas como o Maculelê, a Capoeira de Angola, o Samba de Roda, destacando o Caxambu como a mais autêntica e tradicional manifestação do lugar, caracterizado por esse nome devido o instrumento de percussão utilizado. O Caxambu de Monte Alegre tem como mestra Maria Laurinda Adão – ícone da cultura negra no país. A mestra recebeu o título de patrimônio cultural e histórico pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). A dança é normalmente realizada à noite, diante da fogueira, em que os participantes, homens ou mulheres, se colocam em roda. No centro, a mestra Laurinda, improvisando a partir do rítmico do instrumento desenvolve saltos, volteios, passos miúdos, balanceios, e puxa a cantoria em versos, denominada jongo. As letras dos versos são tradicionais e também referentes a acontecimentos ou fatos circunstanciais e atuais. À medida que a dança evolui, outros participantes passam a ocupar o centro da roda. Os ritmos são rápidos, fortes e vigorosos nas batidas dadas em dois tambores feitos de tronco de árvore e cavados a fogo, o tambor ou caxambu. Atualmente, Monte Alegre conta com o grupo de Caxambu mirim, composto por crianças e jovens que executam a dança e cantam jongo. Vale ressaltar que o jogo de criação e recriação é uma constância, num momento e espaço contemporâneo em que a comunidade se apropria de suas histórias e tradições, também através da Dança afro-contemporânea: com raízes em matrizes africanas, a Dança afro-contemporânea inovou nos gestos e expressões corporais, enfocando os valores culturais da história e cotidiano dessa comunidade, os ritmos e hábitos das nações africanas com tambores e atabaques, são apresentados em gestos e movimentos precisos e restaurados. Bem como se vê nos teatros elaborados a partir de fatos e histórias locais: *Abolição* – A cena transcorre dentro da trilha Árvores Centenária e retrata os maus tratos das sinhazinhas com os filhos bastardos e suas mucamas. Por meio do teatro, é mostrado como os escravos, que trabalhavam nos cafezais das fazendas vizinhas à Monte Alegre, mudaram de vida com o fim da escravidão; *Pau de mentira* – Conta casos que fazem rir e que também fazem parte dessa

comunidade. As noites de Monte Alegre são e eram muito divertidas. Pessoas se reuniam para ouvir radionovelas e, enquanto essas não começavam, todos contavam suas façanhas do cotidiano. Sempre histórias de arrepiar e de fazer gargalhar. Vale a pena conferir o rádio que “fala”, ouvir o lobisomem e saber da bala que dividida matou duas onças ao mesmo tempo; *Enterro da Escrava Rufina* – Rufina foi uma bela negra escravizada que teve os restos mortais enterrados no cemitério quilombola de Monte Alegre. Mas não se trata apenas de uma triste história. O enterro era um momento de encontro das pessoas, em que “causos” eram contados e casos de toda sorte revelados. Até os dias de hoje, os enterros da comunidade são marcados por essa singularidade; *Escravo Adão* – Adão era escravo na vizinha fazenda Boa Esperança. Acorrentado, à noite, ao tronco devido a sua insubordinação, Adão fugia da fazenda a cavalo para se encontrar com os abolicionistas e namorar as escravas nas senzalas de outra fazenda. Antes do amanhecer, ele voltava ao tronco. Negro Adão deixou descendentes em Monte Alegre que, hoje, vêem seu passado e sua história valorizados e performatizados.

Nesse contexto, a prática artística e cultural é o núcleo de investigações constante nos grupos ali existentes, sobretudo para investigar algo específico que aponta as relações numa sociedade, num tempo e espaço próprio, afirmando assim o respeito ao estudo vivencial e reflexivo com junções teóricas e metodológicas, análoga a elementos e as estruturas primordiais da tradição da diáspora africana.

Entre inúmeras propostas de investigação estética e teórica dos grupos da comunidade, vão sendo determinadas descobertas numa prática corporal sem fronteira, em que o ato criativo é desvelado como atitude e objetivos determinados pelo espaço, com o próprio modo de elocução do corpo em alternância com uma modernidade e ancestralidade ali registrada, numa espécie de embate “narrativo” corporal, pelo confronto de diferentes pontos de vista.

Diante do exposto, fica claro o quanto é intensa a exploração do corpo, que em situações, ora de resgate, ora de aprendizagem, configura-se uma verdadeira experiência física, que desmistifica qualquer atitude ou ação de manipulação ou virtuosismo corporal na investigação estética nas oficinas propostas. Assim, infinitas formas de performance corporal são definidas pelo movimentar-se no espaço de criação artística.

As possibilidades de exploração no qual mente e corpo se harmonizam para criar formas estéticas diversificadas numa experiência total definem pesquisa artística/estéticas e explorações “cognitivas” como possibilidades de descobrir uma infinidade de conteúdos novos.

Numa situação comparativa, podemos dizer que todos os grupos estabelecidos na comunidade de Monte Alegre seguem semelhantes modos da experimentação física, concreta e harmônica em que buscam adaptar sempre as criações individuais com trabalho coletivo.

Nesse processo, os atuantes fazem uso da reflexão e da elaboração no fazer/entender tanto a estética e a cultura afro-decendente na tentativa de compreender/perceber seu próprio processo e o meio em que está inserido. Para poder apreciar as diferenças existentes e buscar uma harmonia ou uma “paralela” nas criações em conjunto, sendo possível expressar de modo singular sua vinculação ao social garantindo a multiplicação de saberes ancestrais num corpo, elocução de princípios estéticos, onde todos da comunidade possam conhecer aprender e desenvolver os valores culturais afro-brasileiros e a história de Monte Alegre.

Vale destacar o aumento da auto-estima dos quilombolas de Monte Alegre, até pouco tempo chamados pejorativamente de ex-escravos. Envergonhavam-se de serem quilombolas e hoje têm orgulho de serem negros, há a valorização da cor, da raça e dos hábitos e costumes de Monte Alegre, efetivados num corpo, elocução de princípios estéticos ancestrais e revelados em atos artísticos e culturais como referência para a construção da identidade étnico-racial. Um fazer, um expressar, e um conhecer que comunga de uma história de resistência num momento contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Monte Alegre, Zona Rural de Cachoeiro de Itapemirim no sul do Espírito Santo. Comunidade que tem hoje pouco mais de 600 moradores, a maioria negra remanescentes de quilombos.

<sup>2</sup> Conceito desenvolvido por LIGIÉRO, (Prof. Dr. do PPGAC-UNIRIO, Coord. do Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias) a partir dos estudos das práticas performativas Afro-Brasileiras.

<sup>3</sup> Tudo que é visto como que fazendo parte de um conjunto posto à vista de um público. “O espetacular é uma noção bastante fluida, pois, como o insólito, o estranho e todas as categorias definidas a partir da recepção do espectador, ela é função tanto do sujeito que vê quanto do sujeito visto.” (PAVIS, 2003:141)

<sup>4</sup> Utilizo esse termo seguindo o que Schechner nos fala: “Performance são feitas de pedaços de comportamento restaurado, mas cada performance é diferente das demais. Primeiramente, pedaços de comportamentos podem ser recombinados em variações infinitas.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. **A arte secreta do Ator: Dicionário de Antropologia Teatral**. Campinas: HUCITC, 1995.

BRAVIN, Adriana; SANTANNA, Leonor de Araújo; OSÓRIO, Carla. **Negros no Espírito Santo**. Espírito Santo: Escrituras, 1999.

FONSECA, Hermógenes; MEDEIROS, Rogério. **Tradições populares no Espírito Santo**. Vitória: 1991.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em Busca de um Teatro Pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003

PRADIER, Jean-Marie. **Ethnoscélogie: la profondeur des émergences”, Internationale de l’imaginaire**. N° 5 Paris: Maison des Cultures du monde, Babel, 1996.

REVISTA DE TEATRO, CRÍTICA E ESTÉTICA. **O Percervejo**. Rio de Janeiro: P.P.G. T UNIRIO: Ano 11, n12, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SANTOS, Cláudio Alberto dos. **Dança Moçambiqueira – liturgia do corpo/espço/tempo**. In: Performance Afro-Ameríndia – Revista apresentada no IV Colóquio do NEPAA: memória e identidade, UNIRIO. Ano 4 n° 4, p.81 a 95. Rio de Janeiro, 2007.

SCHECHNER, Richard. **Between Theater and Anthropology**. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Performance: teoría y prácticas interculturales**. Buenos Aires: Rojas: UBA, 2000.

TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ publications, 1988.